

Docente –
Universidade
Federal da
Integração
Latino-Americana
(UNILA)

LEITORADO NA REPÚBLICA DOMINICANA

Prof.a Dr.a Cristiane Grandó

Resumo: O Brasil visto com o olhar do nativo no exterior, durante cinco anos de Leitorado na República Dominicana seguidos de um ano no país, quando traduzi ao espanhol leis brasileiras e um livro de História do Brasil. Professora de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira na Universidad Autónoma de Santo Domingo (UASD) e diretora-fundadora do Centro Cultural Brasil-República Dominicana, pretendo compartilhar desde as experiências do processo seletivo dos candidatos ao Leitorado às experiências educativas e culturais vividas na ilha “La Hispaniola”, tanto no lado dominicano quanto no haitiano; no Haiti, lecionei Literatura Brasileira durante uma semana. Além de ministrar aulas de Português Língua Adicional, realizei inúmeras traduções de literatura brasileira e ibero-americana, produzi eventos culturais vinculados à Embaixada do Brasil, com destaque à participação na Feria Internacional del Libro de Santo Domingo dedicada ao Brasil em 2009, numa parceria MinC-MRE/Itamaraty.

O Governo brasileiro – por intermédio do Ministério das Relações Exteriores (MRE) e do Ministério da Educação (MEC) – promove o programa chamado *Leitorado brasileiro em instituições universitárias estrangeiras*, oferecendo benefícios aos professores selecionados, tais como: auxílio financeiro mensal, que varia de acordo com o país de destino; passagem aérea para assumir suas atividades na universidade estrangeira e, desde que tenha exercido pelo menos 12 meses de atividade, a passagem aérea para regressar ao país de origem ao final do período de leitorado; contrapartida das universidades, o que varia de acordo com a instituição. A duração costuma ser de dois anos, prorrogável por mais dois. Não é função do leitor trabalhar fora da sala de aula, mas as Embaixadas podem, de acordo com as necessidades locais, ampliar as atividades do leitor, que é contratado inicialmente para ministrar aulas de Português Língua Estrangeira/Língua Adicional (PLE/PLA), passando, assim, a exercer outras funções nas áreas da Educação e da Cultura, por exemplo. A avaliação dos candidatos ao Leitorado é feita pelo Currículo Lattes. Pareceristas da Capes/MEC selecionam três currículos para cada vaga e os encaminham ao MRE; a

universidade estrangeira cadastrada escolhe quem dos três finalistas será o convidado a trabalhar como professor num determinado período. É a Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP) que promove a criação e manutenção dos Leitorados e dos Centros Culturais Brasileiros, CCBs, antigos CEBs. A partir de meados de 2008, os CEBs – Centros de Estudos Brasileiros – passaram a se chamar CCBs: CCB seguido do nome do país que o acolhe, como, por exemplo, CCB-Haiti, que conheci na gestão da diretora Normélia Parise. Gostaria de registrar a diferença entre os CCBs e os Institutos Brasil: os últimos são autogestionados, como é o caso do Instituto de Cultura Brasil-Colômbia (IBRACO), cuja diretora é a economista colombiana Margarita Durán Ariza, que me recebeu na época que fui conhecer o Instituto¹.

Fui leitora em São Domingos, capital da República Dominicana, na Universidad Autónoma de Santo Domingo (UASD), de 2007 a 2011, ficando um sexto ano no país, quando traduzi leis do Brasil ao espanhol, contratada por uma empresa brasileira, além do livro *História Concisa do Brasil* de Boris Fausto, que será publicado pelo Archivo General de la Nación (AGN) e pela Embaixada do Brasil.

O maior resultado deste leitorado foi a criação do Centro Cultural Brasil-República Dominicana (CCB-RD) no Governo Lula e na gestão do embaixador Ronaldo Edgar Dunlop. Esse é um projeto que havia sido idealizado pelo então ministro das Relações Exteriores Celso Amorim, numa visita ao país anterior ao ano 2007. Quando morava em São Domingos sendo leitora, o Brasil tinha condições de criar mais um Centro Cultural no exterior: foi solicitado pelo MRE à Embaixada que fosse feito um novo orçamento com esta finalidade e, em seguida, foi autorizada a implementação do CCB-RD. Em 2008, fui convidada para ser sua diretora-fundadora e comecei a trabalhar no projeto de sua criação aproximadamente seis meses antes de ser inaugurado. O CCB-RD funciona numa casa histórica – construída pelo poeta, advogado e diplomata dominicano Enrique Henríquez -, sede de uma das fazendas onde hoje se localiza o bairro chamado Gzcue. María Luisa Santoni conta que seu pai frequentou esta casa em sua infância: Henríquez tinha 10 filhos do primeiro casamento e 10 do primeiro casamento de sua segunda esposa; ambos eram viúvos. Imaginem 20 crianças, os agregados e mais esse casal vivendo

1 Agradecimentos à Margarita Durán, assim como à professora Beatriz Miranda Córtez, orientadora pedagógica do IBRACO.

numa casa que tinha piano, onde se realizava contação de histórias para as crianças... uma casa que, ao ser transformada em Centro Cultural, voltou à vocação inicial do poeta que a construiu, vinculada à educação e à cultura, o que foi muito bem visto pelos dominicanos. A casa chegou a ser outros estabelecimentos comerciais, sendo o último uma escola de odontologia. Ali chegou a funcionar uma pensão, onde morou pelo menos um brasileiro, cujo filho me contactou. Abro um parêntesis. Alguns dominicanos que viveram nesta pensão visitaram o CCB e descreveram como era a divisão da casa, como era o seu jardim naquela época. Por uma foto antiga, doada ao CCB-RD pelo casal de vizinhos Monica e Dr. Fao Santoni, nota-se que a casa tinha no térreo três portas na fachada e não uma porta e duas janelas, tal como a encontramos em 2008. Vale lembrar que a parte externa – fachada e jardim frontal – foi restaurada para ser cenário do filme *La fiesta del chivo* (2006), baseado na obra homônima de Mario Vargas Llosa, primo do diretor, também peruano, Luis Llosa. O filme foi produzido na Espanha e retrata a época da ditadura de Trujillo na República Dominicana. No filme, vê-se o número 52 da Calle Hermanos Deligne, onde se situa a casa de Henríquez, hoje o CCB. Em 2008, tanto a parte interna quanto a externa estavam em completo abandono. É uma casa que poderia ter sido destruída com a finalidade de dar espaço a um prédio ou a um estacionamento, tendências do mercado imobiliário nas cidades grandes, o que vemos tanto no Brasil quanto na República Dominicana. A casa foi restaurada pela Embaixada, com o apoio das construtoras Odebrecht e Andrade Gutierrez, e alugada por dez anos. O diretor do Departamento Cultural do Itamaraty, na época o embaixador Paulo Cesar Meira de Vasconcellos, foi a São Domingos para avaliar o projeto: entrevistar-me como possível futura diretora do CCB-RD, participar da avaliação de vários prédios para a seleção do local a ser instalado o Centro e, ao ser escolhida a casa histórica de Enrique Henríquez, opinar sobre a melhor forma de dividir os espaços para aulas e atividades culturais.

Além de ensinar Língua Portuguesa e Cultura Brasileira para aproximadamente 300 alunos semanais de 2009 até hoje, contando com o trabalho do diretor, de cinco professores e de dois assistentes administrativos, a demanda sempre foi grande e só não há mais alunos por falta de espaço. Antes de ser implementado o projeto, perguntaram-me sobre o público que poderia se interessar em estudar português, se seria suficiente para criar um CCB. Sendo professora de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira na UASD e

conhecendo os anseios dos estudantes, não tive dúvidas ao afirmar que era claro o desejo de incontáveis dominicanos de estudar o português do Brasil e de conhecer a fundo a cultura brasileira, estimulados em especial pela música popular brasileira, novelas, carnaval e Amazônia, temas veiculados com constância há pelo menos duas décadas nas rádios e TVs dominicanas. Recebíamos às vezes estudantes haitianos, pois Haiti e República Dominicana formam juntos a ilha “La Hispaniola” e existe uma quantidade significativa de haitianos que vive na parte dominicana da ilha. O objetivo principal da Embaixada e do Governo dominicano² ao apoiar o CCB-RD era que os estudantes viessem fazer pós-graduação no Brasil. Muitos médicos, dentistas, engenheiros e profissionais de várias áreas tinham o propósito de estudar aqui. Os médicos demonstravam interesse especial pela cirurgia plástica e pela cardiologia.

Trabalhava-se muito a cultura brasileira em sala de aula – na UASD e no CCB-RD. Foram muitos os eventos culturais realizados nos três primeiros anos de existência do CCB, quando fui diretora, além de minha colaboração em projetos culturais da Embaixada no ano 2012. O tempo desta apresentação não é suficiente para citar todos os projetos culturais da Embaixada e do CCB entre 2009 e 2012; por isso, escolhi fotos para apresentar apenas alguns artistas de várias áreas que trabalharam conosco: Antonio Nóbrega na abertura da Feria Internacional del Libro de Santo Domingo dedicada ao Brasil em 2009, na gestão do ministro da Cultura Gilberto Gil e do secretário-executivo Juca Ferreira, quando foram doados à Embaixada aproximadamente 1700 livros de editoras brasileiras, num trabalho conjunto da Câmara Brasileira do Livro, MinC e MRE, livros expostos no Pavilhão do Brasil na feira que posteriormente formaram o acervo inicial da Biblioteca Hilda Hilst, um dos ambientes da casa-livro que é o CCB-RD³; Felipe Taborda, que expôs suas obras na Galería de Artes de

2 Em especial a Presidência da República na gestão do presidente Leonel Fernández, a Secretaria da Educação Superior, Ciência e Tecnologia (na época SEESCyT, sendo hoje um ministério, o MESCyT), na gestão da secretária Lúcia Amada Melo de Cardona, e a Secretaria da Cultura (hoje, MINC), na gestão do escritor e secretário José Rafael Lantigua.

3 GRANDO, Cristiane. “O Centro Cultural Brasil-República Dominicana e os Centros de Estudos Brasileiros (CEBs)”, texto apresentado na *VIII Bienal Internacional do Livro do Ceará* em mesa redonda composta pela então diretora do Centro Cultural Brasil-Chile (CCBRACH) Elisa Rodrigues Lopes e coordenada por Marco Lucchesi, novembro de 2008. Publicado na Revista *Aglha de Cultura*. N. 67. Fortaleza/São Paulo, janeiro/fevereiro de 2009, <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag67bienalgrando.htm>>; no *Blog Dominico-Brasileiro*. São Domingos, dezembro de 2008, <<http://dominico-brasileiro.blogspot.com>>; e na revista virtual *TriploV*. Portugal, dezembro de 2008, <<http://www.triplov.com/poesia/Cristiane-Grando/8Bienal-Ceara/index.html>>. Um agradecimento especial à Elisa Rodrigues Lopes, que me orientou e enviou inúmeros materiais pedagógicos e administrativos por vários anos.

Altos de Chavón em São Domingos e que doou para o CCB-RD uma dezena de cartazes criados por seus estudantes com temas de conscientização sobre cuidados com a saúde e o meio ambiente; Lissette Gil, fotógrafa que realizou a primeira exposição no CCB-RD: “Ouro Preto: una parada en la Estrada Real”; Duo Santoro e Ana Letícia Barros, com seu concerto *Do clássico à bossa-nova*, que contou com mais de 1300 pessoas como público no Teatro Nacional; Paloma Jorge Amado, que representou a Fundação Casa de Jorge Amado na Feria Internacional del Libro de Santo Domingo 2010, quando doou quase 200 obras de Amado e da Bahia, expostas no estande do Brasil na feira e posteriormente incorporadas à Biblioteca Hilda Hilst; Jorge Coli, crítico da arte e professor na Unicamp, que realizou seis conferências na República Dominicana, Haiti e Porto Rico, e que escreveu três artigos em sua coluna “Ponto de Fuga” da *Folha de São Paulo* sobre esses países; Orestes Amador, cubano que dirigiu quatro atores dominicanos na peça teatral *El visitante* de Hilda Hilst, produzida pelo CCB-RD; Sávio Santoro e Antonio Nigro, em recitais de viola e piano no Conservatorio Nacional de Música (em São Domingos) e no Centro León (em Santiago de los Caballeros) em 2012; os curadores Diógenes Moura (Brasil), Mayra Johnson (RD) e Carlos Acero (RD) no *Photoimagen*, o maior evento de fotografia do Caribe, dedicado ao Brasil em 2012.

Realizei inúmeras traduções de literatura brasileira e ibero-americana nesses seis anos, além de ter publicado oito livros de poesia de minha autoria: duas autoedições; quatro livros em parceria com a Editorial Ángeles de Fierro, sediada em San Francisco de Macorís (cidade no interior da RD) e coordenada pelo poeta e editor Noé Zayas; e dois livros mais na Espanha. Esses livros, escritos e traduzidos por mim em português, espanhol e francês, contaram com a colaboração de Espérance Aniesa na revisão do espanhol e do francês, e de Carlos Patiño e Pablo del Barco para as publicações espanholas de 2012: *Fluxus y otros poemas*; *Caminantes*; *Titã*; *Gardens*; *grãO*; *Claríssima* (RD); *Infancia* (na coleção de plaquettes *Carmina in mínima re*, coordenada e editada por Albert Lázaro-Tinaut, Barcelona); *Embriagate* (Ediciones en Huida, Sevilha). Textos que traduzi ao espanhol: *O visitante / El visitante*, peça teatral da escritora paulista Hilda Hilst; *Estilhaços no lago de púrpura / Astillas en el lago de púrpura*, poesia do mineiro Wilmar Silva; *Ziri Nego*, música brasileira com arranjo de Souza Lima; Pierre Verger: fotografias Brasil-Caribe (folheto publicado pela

Galería Nacional de Bellas Artes); Viejas casas: San Juan (de Puerto Rico), texto do crítico da arte Jorge Coli; Insurrección permanente, texto crítico de Jorge Coli sobre a obra do artista dominicano Silvano Lora. Livros de poesia e contos que traduzi ao português: Las orillas del sueño / As margens do sonho e Un viento dorado: 35 haikus, un zéjel y varias rondallas / Um vento dourado: 35 haicais, um zéjel e várias rondalhas de Ignacio Sánchez (Espanha); Desencia de mí / Dessença de mim de Pablo del Barco (Espanha); Material de nube / Material de nuvem de Antonio Arroyo (Espanha); El tao / O tao de Ramón Antonio Jiménez (RD); Tristura de Floridor Pérez (Chile); Palabras / Palavras de Carlos Trujillo (Chile); Canto triste por Haití / Canto triste pelo Haiti de Fernely Lebrón (RD); Pasajero del aire / Passageiro do ar de Mateo Morrison (RD); Sinfonía en miedo mayor / Sinfonia em medo maior de Manuel Mora Serrano (RD); selección de poemas do livro Compadre Mon de Manuel del Cabral (RD); Trapecio / Trapézio, contos de Noé Zayas (RD). Letras de música que traduzi ao português: De oro de Fernando Echavarría (RD); Soledad / Solidão e Cielo y mar / Céu e mar de Juan Ahumada (México).

Para finalizar, apresento duas reflexões que faço a partir das minhas experiências como leitora e diretora do CCB-RD.

Na prática da sala de aula, fui percebendo que era importante explorar as várias “línguas” e culturas do Brasil, sua diversidade cultural e linguística. Em outras palavras: refletir no cotidiano do ensino a complexidade da língua e da cultura. Vale ressaltar que o Ministério da Cultura esteve presente algumas vezes em São Domingos enquanto fui leitora e diretora do CCB-RD, e que das experiências de trabalhar com o MinC resultaram sempre processos de aprendizagem que ampliaram os nossos horizontes. Vários servidores do MinC deixaram bastante claro em suas visitas à República Dominicana que é um projeto do Governo brasileiro valorizar a diversidade. Destacamos o trabalho da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SIDC) e da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural (SCDC). A SCDC foi fundada em 31 de maio de 2012.

Trabalhar no exterior com uma língua estrangeira é muito difícil ainda hoje no sentido de encontrar textos, músicas e filmes, salvo na Internet, que é um meio que exige do leitor um olhar muito mais crítico que se frequentasse bibliotecas e consultasse materiais impressos. Criar um espaço com uma biblioteca brasileira onde se ministrassem aulas de português foi

uma luta que iniciei ao chegar na República Dominicana em 2007: redigi o projeto Sala Brasil e o apresentei à Embaixada e à UASD. A sala, que seria equipada com mapas, calendários, livros, dicionários, gramáticas, jornais, revistas, CDs, DVDs, TV e data show seria utilizada para ministrar aulas de português e emprestada a professores de outros idiomas. O projeto da Sala Brasil não vingou, mas talvez tenha sido um dos eixos motivadores do convite para que eu criasse, junto a outros funcionários da Embaixada e, posteriormente, para que eu dirigisse o CCB-RD. Além disso, notava-se que vinha desenvolvendo projetos culturais desde a minha chegada, como, por exemplo, ciclos de cinema, o que demonstrava claramente o desejo de difundir a cultura brasileira. O convite para assumir a direção do CCB também foi motivado, a meu ver, porque sou gestora cultural, escritora e tradutora, o que me permitiu, desde que cheguei em São Domingos, que mantivesse diálogos com muitos artistas, produtores e gestores culturais, estudantes e professores de várias partes do país. Desde 2007, meu envolvimento com a Feria Internacional del Libro de Santo Domingo, por exemplo, foi intenso: trabalhei nos 15 dias de feira das 9 às 22 horas em 2007, 2008 e 2009. A boa aceitação do meu trabalho pelos dominicanos e por vários diplomatas e funcionários da Embaixada foi estimulante desde que cheguei no país.

A segunda reflexão que gostaria de apresentar: é fundamental escrever um Guia para a Criação de Centros Culturais do Brasil no Exterior. Existem aproximadamente 25 CCBs no exterior, além de inúmeras associações brasileiras.⁴ Não é fácil, por exemplo, encontrar informações sobre todos os CCBs num único link, o que dificulta o diálogo e a troca de experiências entre os membros que os frequentam ou que neles trabalham. Começar a criação de um Centro Cultural do zero exige um esforço tremendo e reflete que não se aproveitam as experiências anteriores. É essencial que diretores, ex diretores, professores e estudantes possam se reunir a fim de criar esse guia, que seria uma estrutura a ser adaptada às realidades locais no momento de serem instituídos novos CCBs, o que traria destreza - no sentido de facilidade, fineza e precisão nas ações - para a criação de novos espaços de cultura brasileira no exterior, além de levar a avaliações e reflexões profundas sobre como melhorar o funcionamento dos CCBs.

Acreditamos que podemos construir e aprender juntos, sempre.

4 Consultar: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/associacoes-brasileiras-exterior/#COLOMBIA>>. Acesso em: 18 dez. 2014.